

Elefante é um espaço criado para a memória, um lugar para se conectar às memórias do outro e reconhecê-las em nós mesmos. Um espaço de crítica e autocrítica. Uma cartografia especialmente desenhada para tornar públicas as lembranças, rancores e afetos que Marcelo Gandhi relaciona ao território do Rio Grande do Norte e às experiências vividas aqui. E como quase todo espaço de memória, requer também boa dose de generosidade. Assim, não é uma mostra puramente visual, para olhares preguiçosos, há necessidade de se ter vontade do outro.

O que me interessa neste exercício de escrever diários, e a mostra é um grande caderno de notas e pensamentos (notas que são desenhos, pensamentos que se fazem gestos), é admitir que a escrita é sempre inventada. Somos sempre narradores e leitores de nós mesmos. No diário há sempre, antes que a ideia de realidade, uma vontade de contar uma história. Escolhe-se o tom e o ponto inicial, deixa-se fluir. O território também é inventado e muitas vezes precisa ser desconstruído, arruinado para dar lugar a mapas mais singulares.

As três imagens conceituais da mostra são o rancor, a limpeza e o território. O conjunto funciona como um dispositivo singular de desintoxicação. O rancor que pesa e cria máscaras, a lembrança de um território que molda e que puxa para baixo, não deixando que os mapas singulares se expandam, e a limpeza necessária para se livrar do território. Não fazemos, como espectadores, parte da cura. Podemos, no entanto, perceber o elefante em nós mesmos e iniciar nosso próprio ritual de limpeza. É, assim, um dispositivo coletivo.

Não se pode definir ainda do que se limpa Gandhi, se das lembranças ou da palavra repetida dentro dele – por ele mesmo, dessas lembranças. Pois uma coisa é a experiência e outra é a narrativa que se faz dela. Uma mágoa guardada e recontada é sempre um veneno auto imposto e falar dela em voz alta, torná-la pública ali onde ela brota, é sempre um possível remédio.

Marcelo Gandhi fala do que lembra e do que lhe marcou. Tenta lidar com as imagens do território, cria imagens novas com as quais se pensar, para finalmente, ver-se liberado não das lembranças, que permanecem

transformadas, mas antes do peso que lhes concedia. Se vê livre de um contorno que lhe moldava até então, ainda que tortuosamente. Livra-se do território mesmo: do elefante branco que arrastava junto de si mesmo quando estava longe e que ainda o cobria.

Todo o processo de criação da mostra se deu entre diálogos, entre fronteiras. Em um processo em que Marcelo Gandhi se doa, fala de suas experiências vividas em Natal, em Parnamirim, do tempo de seus pais e em seu próprio tempo e na extensão do tempo no território do Rio Grande do Norte. Um território elitista e provinciano, que agora começa a perceber-se sem o charme de algumas ruínas, sem o devir de algumas províncias, com as paredes protegidas por instituições que vivem de um ruir do tempo e de um subir de espigões sem lei. Há quem adore o território. E não cabe aqui falar dos motivos, que podem ser muitos. Elefante, a mostra, é para aqueles que sabem que guardam pesos e que querem partir, mesmo ficando. Precisamos partir. Desmanchar os contornos e vivenciar reflexos mais positivos de nós mesmos. Por em prática nosso próprio mapa.

Aliás, Gandhi me dizia que umas das referências para o nome da mostra era o Elephant de Gus van Sant sobre a tragédia na escola Columbine. Eu pensei, por outro lado, no Homem Elefante de David Lynch: o outro diferente de mim e o que eu lhe imponho. O outro que se cobre, o outro que arrasta consigo, calado, danos de um contexto, de um espaço.

Aliás, Gandhi me dizia que umas das referências para o nome da mostra era o Elephant de Gus van Sant sobre a tragédia na escola Columbine. Eu pensei, por outro lado, no Homem Elefante de David Lynch: o outro diferente de mim e o que eu lhe imponho. O outro que se cobre, o outro que arrasta consigo, calado, danos de um contexto, de um espaço.